



**VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
VII SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS
VI CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL**

Fluxos Migratórios e Políticas Sociais

Linguagem, pertencimento e acolhimento: um estudo sobre as estratégias de resistência coletivas construídas por mulheres migrantes/refugiadas em Campo Grande MS

Mariana Pagnoncelli Bachega ¹

Luciane Pinho de Almeida ²

Resumo: Este artigo analisa a experiência de mulheres migrantes e refugiadas em Campo Grande/MS, com foco nas estratégias de resistência construídas ao longo de seus trajetos migratórios. A migração feminina, marcada por desigualdades de gênero, vulnerabilidades sociais e barreiras institucionais, exige a criação de práticas cotidianas de enfrentamento e reinvenção. Por meio de uma metodologia qualitativa, baseada em rodas de conversa realizadas em casas de acolhimento, investigou-se como redes de solidariedade, aprendizagem autônoma, arte e linguagem atuam como instrumentos de resistência, pertencimento e reconstrução identitária. Os resultados evidenciam o protagonismo das mulheres na produção de formas coletivas de cuidado, autonomia e afirmação social.

Palavras-chave: mulheres migrantes; estratégias de resistência; inclusão social; pertencimento.

Abstract: This article analyzes the experiences of migrant and refugee women in Campo Grande, Brazil, focusing on the resistance strategies developed throughout their migratory trajectories. Female migration is marked by gender inequalities, social vulnerabilities, and institutional barriers, which require the creation of everyday practices of coping and reinvention. Using a qualitative methodology based on discussion circles conducted in shelters, the study examines how solidarity networks, autonomous learning, art, and language function as instruments of resistance, belonging, and identity reconstruction. The findings highlight women's protagonism in producing collective forms of care, autonomy, and social affirmation.

Keywords: migrant women; resistance strategies; social inclusion; belonging.

1. MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS FEMININAS

A migração feminina é um fenômeno complexo que tem sido muito discutido nas últimas décadas devido a intensificação desses deslocamentos humanos. Trata-se de uma realidade que não pode ser analisada de forma isolada, mas sim englobando as relações sociais e econômicas que estruturam o meio no qual elas ocorrem: a sociedade. Esta pesquisa

¹Acadêmica do curso de Psicologia e bolsista CNPq do Programa de Iniciação Científica da Universidade Católica Dom Bosco; ra195926@ucdb.br

²Orientadora do Programa de Iniciação Científica. Professora Doutora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco - UCDB; luciane@ucdb.br



faz-se significativa por dar visibilidade às experiências de mulheres que, ao migrarem, enfrentam desafios específicos relacionados ao gênero, muitas vezes silenciados nas abordagens tradicionais sobre migração. A vivência migratória tratada a partir de uma perspectiva de gênero possibilita compreender as formas como o patriarcado se articula em diferentes contextos socioculturais e como mulheres, em suas trajetórias, constroem redes de apoio, resistência e pertencimento, mesmo em cenários adversos.

Essa abordagem amplia a compreensão sobre a mobilidade humana, contribuindo de forma significativa ao apontar a realidade de acesso a serviços de acolhimento, saúde, assistência social e proteção de direitos. Ao reconhecer as vivências destas mulheres, buscaremos fortalecer o debate sobre inclusão social, justiça de gênero e cidadania, além de produzir conhecimento relevante para pensar sociedades mais democráticas e sensíveis às múltiplas identidades que compõem o fenômeno migratório contemporâneo.

A maneira que os corpos femininos são inseridos nos processos de produção e reprodução social sempre foi e é condicionada por estruturas patriarcais, Saskia Sassen, em sua obra *A Mobilidade Humana no Mundo Globalizado* (2002) demonstra como isso obriga mulheres a migrar à procura de melhores oportunidades, visto que as dinâmicas econômicas que as subjugam no mercado de trabalho impulsionam o êxodo feminino em diferentes contextos históricos, refletindo no aumento da migração internacional feminina, especialmente para centros urbanos e países com economias mais desenvolvidas (Sassen, 2002, p. 73). Contudo, a socióloga Nélida Tello, em seus estudos sobre migração e gênero, argumenta que a fuga da pobreza não é o único motivador, estas também deslocam-se para escapar de normas sociais que limitam sua liberdade e seu acesso a direitos (Tello, 2010, p. 45). Além dos contextos em que o movimento migratório ocorre de maneira necessária devido a fuga de contextos de violência, conflitos armados, ou até mesmo insegurança física (como é o caso dos refugiados ambientais).

De acordo com a perspectiva de Vygotsky as condições sociais e históricas influenciam o desenvolvimento psicológico das mulheres, visto que sua abordagem histórico-cultural enfatiza que o indivíduo não pode ser entendido isoladamente, mas sim como produto e produtor das relações sociais, nas quais ele está inserido. Partindo dessa visão e utilizando um recorte da obra de Rosi Braidotti intitulada “*Sujeitos Nômades: Corporeidade e Diferença Sexual na Teoria Feminista Contemporânea*” podemos analisar a migração feminina, não apenas como uma mudança puramente territorial, mas uma transformação nas relações sociais, culturais e psicológicas das mulheres, a partir do exposto em:

A migração e o deslocamento das mulheres não se limitam a um simples movimento geográfico; ela é também um processo de reconfiguração profunda das relações de poder, das dinâmicas de gênero e das identidades culturais.[...] As mulheres migrantes, ao transitar por fronteiras, não apenas mudam fisicamente de lugar, mas também reconstróem suas subjetividades e identidades culturais, numa tensão entre o pertencimento ao local de origem e a necessidade de adaptação ao novo contexto social e cultural.[...] A migração feminina é, portanto, um processo de reinvenção e reconfiguração da identidade que envolve, ao mesmo tempo, o enfrentamento de desafios emocionais, sociais e culturais, como uma forma de subjetividade que emerge do deslocamento e da hibridização cultural. (Braidotti, 2006, p. 81, 92, 107)



É muito comum que as mulheres migrantes muitas vezes enfrentam uma dupla marginalização – por serem migrantes e por serem mulheres, sem contar as relações de poder, como o racismo e a xenofobia, amplificadores desses desafios, impactando diretamente sua saúde mental e seu desenvolvimento emocional, afetando suas relações familiares e seu sentimento de pertencimento (Tello, 2010, p. 51).

Nota-se que dentre esses movimentos existem estratégias de resistência das mulheres migrantes desenvolvidas ao longo do seu processo de adaptação, criando novas formas de sociabilidade e de enfrentamento das dificuldades impostas por sua nova realidade. Isso inclui a formação de redes de apoio social - majoritariamente composta por outras mulheres em situações similares, o fortalecimento de suas identidades culturais e o processo de empoderamento a partir do enfrentamento brutal frente a novas experiências.

O âmbito das políticas públicas migratórias também desempenham um papel crucial na forma como as mulheres experimentam esses trajetos, é possível afirmar que essas políticas estão frequentemente subordinadas aos interesses econômicos e ao controle das forças de trabalho. Desse modo, por muitas vezes, não são consideradas as especificidades de gênero, e isso pode resultar em uma violação dos direitos das migrantes, especialmente no que diz respeito à saúde, à segurança e ao acesso ao trabalho digno. Ademais, segundo Braidotti, precisam ser considerados os impactos psicológicos desta violação de direitos das mulheres, que podem se sentir ainda mais vulneráveis diante da discriminação e da exclusão social ao serem tratadas como um “recurso” a ser explorado, enfrentando não apenas o peso da migração, mas também a pressão de adaptar-se a um novo sistema social que, muitas vezes, ignora suas necessidades e suas lutas específicas (Braidotti. 2006).

A migração, enquanto fenômeno que atravessa fronteiras geográficas e culturais, implica em um processo de transformação das identidades das mulheres. Esse processo é marcado por conflitos entre o que é vivido em seu local de origem e as novas referências culturais e sociais do país de acolhimento, em muitos casos, causando um choque cultural que impacta suas relações de gênero, suas expectativas de vida e suas posições sociais. Como já foi colocado anteriormente nessa pesquisa, a construção da identidade é um fenômeno dinâmico, resultado das interações sociais e das experiências empíricas. Para as mulheres migrantes, essa construção identitária ocorre em um contexto de exclusão, mas também de reinvenção, no qual elas precisam manter suas identidades em constante transformação pelos diferentes contextos sociais e históricos em que essas estiveram ou estão inseridas.

Mato Grosso do Sul está localizado na região Centro-Oeste do Brasil e tem se tornado um polo de atração de migrantes e refugiados pela sua proximidade às fronteiras de países vizinhos, como Argentina, e principalmente Bolívia e Paraguai, com os quais partilha fronteira. Historicamente, as mulheres migrantes da América Latina têm sido vítimas de realidades de trabalho precárias e de exclusão social, enfrentando dificuldades relacionadas à segregação ocupacional, baixos salários e a discriminação. No caso de Mato Grosso do Sul, as mulheres migrantes se inserem, em grande parte, nas atividades relacionadas à agricultura, ao comércio



informal e ao serviço doméstico, áreas com alta taxa de informalidade e condições irregulares de emprego.

Em pesquisa de campo conduzida pelo grupo de pesquisadores² tivemos maior contato com imigrantes originários de majoritariamente países da América Latina, como: Venezuela, Peru e Colômbia, independente de sua origem todos enfrentam uma série de desafios socioeconômicos, tanto em seus países quanto durante o trajeto e na chegada a Mato Grosso do Sul. Apesar de existirem oportunidades de trabalho no estado, especialmente nas áreas de agricultura e construção civil, o MS ainda carece em garantir a integração efetiva desses migrantes, especialmente no que diz respeito a direitos trabalhistas, acesso a serviços e inserção social.

A realidade desses é marcada por vulnerabilidades e, ao mesmo tempo, pela esperança de um futuro melhor para si e suas famílias, motivação essa que faz ainda mais sentido ao observar a situação de seus governos e territórios. Por exemplo, a crise política, econômica e social na Venezuela tem levado milhões de venezuelanos a buscar refúgio em outros países, há décadas a economia venezuelana entrou em colapso devido à hiperinflação, escassez de produtos básicos (alimentos e medicamentos) e instabilidade política (Migration Policy Institute, 2025). Os migrantes peruanos também são um grupo significativo no Brasil, sua vinda tem raízes tanto na busca por melhores oportunidades econômicas quanto na fuga de situações de violência e insegurança, relatos de extorsão, por sua vez, não são incomuns, além disso existe um emergente quadro de pobreza e alta taxa de informalidade no mercado de trabalho (Oliveira, 2006). Por fim, a migração colombiana para o Brasil, particularmente para Mato Grosso do Sul, é impulsionada principalmente pela violência associada ao narcotráfico, grupos armados ilegais e conflitos internos que afligem o país há décadas (Polo-Alvis; Serrano López; Triana Barragán, 2018).

Outrossim, outros fatores comuns dentre esses contextos de deslocamentos humanos durante o percurso até o Brasil, são: as condições de transporte e segurança, falta de documentação, exclusão social e cultural e situação de emprego informal e precarizado. Muitos migrantes viajam em condições precárias e recursos financeiros limitados, deixando o trajeto até o Brasil ainda mais longo e perigoso, marcado por perigos como a exploração de traficantes de pessoas, condições insalubres de transporte, insegurança alimentar, racismo e xenofobia, violências físicas, dificuldade de integração, sem tocar nos danos psicológicos reais que a exposição a essas situações pode gerar.

2. PERTENCIMENTO E LINGUAGEM EM MULHERES MIGRANTES E REFUGIADA

De acordo com pesquisa desenvolvida que pautou-se em revisão bibliográfica, pode expandir o entendimento da vivência migratória pela pesquisa de campo, que se deu por meio

² Projeto “Entre flores, espelhos e faces desiguais: a dialética da força feminina nos deslocamentos humanos” com financiamento FUNDECT, no qual fazemos parte da equipe.



de rodas de conversa realizadas com mulheres migrantes e refugiadas em Casas de Acolhimento na cidade de Campo Grande/MS, conforme já apontado neste texto. O registro das rodas de conversa foi feito a partir da pesquisa de observação participante³ por diários de campo, os quais permitiram a coleta de relatos que constituíram a análise das informações que serão apresentadas mais adiante.

A metodologia desenvolvida para a interação com as mulheres foi pensada no intuito de criar um ambiente de acolhimento e escuta para incentivar a partilha de histórias e sentimentos das participantes. O trajeto migratório das mulheres participantes dessa pesquisa é marcado por diversas dificuldades, em especial por submeter as pessoas que estão se deslocando a condições de extrema vulnerabilidade. Desse modo, ao abordar tópicos sensíveis que marcam a vida das migrantes precisamos introduzir os assuntos pesquisados de forma responsável, validando suas experiências e garantindo a segurança de seus relatos. Esse papel pertence tanto ao pesquisador, quanto às outras mulheres ali presentes, que relatam suas experiências sobre a realidade vivenciada, e assim vêem-se refletidas nas experiências das outras com maior facilidade.

O estabelecimento de um vínculo com as mulheres dependeu de alguns aspectos, mas uma das ferramentas utilizadas pelo grupo de pesquisa facilitou esse processo: a arte. No início das rodas, antes da introdução do tema, era iniciada uma atividade artesanal para que a conversa e o envolvimento de todas fluísse melhor. As propostas trabalhadas propuseram o manejo de dobraduras, pintura e desenho com tinta, além da escrita, promovendo uma reflexão para o desenvolvimento das obras que seria compartilhada e incentivada por uma seleção de questionamentos disparadores das temáticas trabalhadas.

Analogamente, além de desempenhar esse papel na criação do vínculo, a arte faz-se uma ferramenta significativa ao compor uma das estratégias de resistência e superação das barreiras comunicacionais e emocionais. Nas rodas de conversa realizadas em uma das Casas de Acolhimento, por exemplo, na qual havia maior número de mulheres, os momentos de expressão artística criaram espaços seguros para abordar temas sensíveis, como em instâncias que abordam a saudade dos entes que ficaram em outros países, como filhos das migrantes. Esse é o caso da migrante que nomeamos Raiza⁴, e que durante a confecção de uma dobradura em uma roda onde discutíamos quais as dificuldades perpassadas pelas mulheres migrantes, afirma que as maiores dificuldades pelas quais passou, foi a de deixar o país de origem e chegar ao país de acolhimento. Relatou ainda que sua filha e seu filho ficaram na Venezuela, enquanto ela veio ao Brasil com seu atual cônjuge e a filha mais nova. Ela teve que os deixar na esperança de conseguir estabilidade aqui e futuramente proporcionar a vinda de seus dois outros filhos.

A angústia retratada por ela não foi descrita somente por palavras, como também por

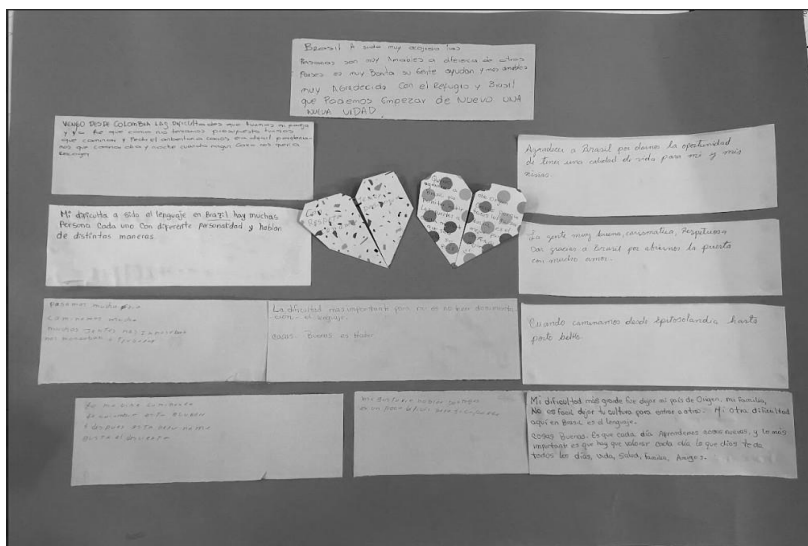
³ O projeto “Entre Flores, Espelhos e Faces Desiguais: a dialética da força feminina nos deslocamentos humanos”, projeto com financiamento do Edital “Mulheres na Ciência sulmatogrossense” da FUNDECT - Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul, do qual esse plano faz parte, foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com o número CAAE: 79220123.9.0000.5162.

⁴ Os nomes das mulheres participantes dessa pesquisa são fictícios, a fim de resguardarmos suas identidades.



sua expressão na construção artística compartilhada com o grupo, na qual demonstrava a dor que sentia em poder falar com os filhos somente em curtas ocasiões e apenas algumas vezes na semana por estipulação do pai das crianças, por quem eles estavam sendo cuidados na Venezuela. O sentimento de acolhimento experimentado por Raiza naquela partilha criou entre as estudantes e ela um vínculo tão forte que a cada retorno da equipe de pesquisadores à Casa de Acolhimento eram recebidos com atualizações e fotos de seus filhos. A arte, ao permitir a expressão de experiências que muitas vezes escapam à linguagem verbal, funciona como mediadora cultural e emocional, fortalecendo o sentimento de pertencimento e a autoestima das participantes. Conforme Radaelli (2011), a linguagem, seja verbal ou artística, constitui uma forma de interação social que possibilita a construção de sentidos compartilhados.

Figura 01 – Reflexões sobre o processo migratório



Fonte: Arquivo de Pesquisa das autoras

As narrativas colhidas no trabalho de campo revelam trajetos migratórios longos e permeados por adversidades, frequentemente marcados por violências, assédios, ausência de condições sanitárias e insegurança alimentar. Repetidos foram os relatos sobre a dificuldade em conseguir alimento, algumas participantes após passarem por situações de furto ou completo desamparo relatam que ao pedirem comida em restaurantes, ou mercados eram tratadas com desgosto e até chamadas de criminosas por simplesmente quererem algo para alimentar suas famílias. Houve inclusive um relato, em que uma mulher disse que assim que percebiam ou ouviam elas falando em espanhol eram expulsas dos locais ou negligenciadas, resultado claro da xenofobia. Experiências como esta evidenciam a vulnerabilidade acentuada pela condição de gênero, pois, além dos riscos comuns a todo migrante, as mulheres carregam o peso do cuidado com filhos, a exposição à violência e a dificuldade de acesso a informações e serviços. Conforme Sassen (2003), as desigualdades estruturais no sistema migratório global afetam de forma desproporcional as mulheres, restringindo seu acesso a



recursos e ampliando sua vulnerabilidade.

O pertencimento, para mulheres migrantes e refugiadas, não se restringe a um vínculo geográfico ou legal com o país de acolhida. Ele é construído no cotidiano, por meio das interações sociais, do reconhecimento mútuo e da possibilidade de narrar a própria história. Nesse processo, a linguagem ocupa papel central, visto que é pela linguagem que se estabelecem as interações, se reivindicam direitos e se compartilham afetos. Para Grinberg (1984), a língua é elemento fundamental da identidade e de inserção social, sendo sua ausência um fator de isolamento e exclusão.

A barreira linguística aparece de forma recorrente como um obstáculo central nos trajetos migratórios de chegada ao Brasil. Muitas participantes relataram a frustração de não compreender e não ser compreendidas, desde interações simples, como compras no mercado, até situações cruciais, como atendimentos médicos ou entrevistas de emprego. Algumas frases ditas pelas mulheres que evidenciam a barreira entre o espanhol e o português, são:

[...]dificuldades com o idioma, com o português. (0:07) Por exemplo, às vezes não consegui comprar um salgado. (0:14) Não entenderam. [...] Por exemplo, quando eu fui comprar comida, que me disseram... (0:27) Vinte, vinte [...] Qual foi a maior dificuldade que vocês acharam? (11:07) Eu acho que foi o idioma. (11:09) Foi o idioma entre vocês. (11:13) Ah, sim, o idioma, porque eu não sabia [...] como explicar. (11:25) Quando eu estava trabalhando em Porto Velho, (11:28) eles diziam... (11:29) Como é?

Como aponta Vygotsky (1934), a linguagem é não apenas meio de comunicação, mas também ferramenta de pensamento e de organização da experiência humana; sem ela, o sujeito vê reduzida sua capacidade de agir no mundo.

No que se refere ao mercado de trabalho, o domínio do português é considerado requisito básico para inserção, e sua ausência retarda o acesso a empregos formais e agrava a dependência econômica. Além disso, a falta de creches ou espaços seguros para deixar os filhos também é uma questão difícil, visto que as crianças não tem permissão para permanecer desacompanhadas dos responsáveis na majoritária parte das Casas de Acolhimento, reduzindo ainda mais as possibilidades de trabalho remunerado, configurando uma sobreposição de barreiras linguísticas, de gênero e socioeconômicas. Em alguns casos independente da experiência prévia ou qualificação profissional em seus países de origem, as migrantes encontram grande dificuldade para que essas competências sejam reconhecidas no Brasil, tanto por entraves burocráticos quanto pela ausência de fluência no português. Esse entrave inicial é agravado pelo fato de que a maioria das oportunidades que aceitam estrangeiros com pouca proficiência se concentra em setores informais e de baixa remuneração, frequentemente marcados por jornadas extensas e ausência de direitos trabalhistas. Estudos de Chiswick e Miller (2001) demonstram que a proficiência no idioma do país de acolhida é determinante para a mobilidade socioeconômica de migrantes, influenciando diretamente o tipo de trabalho que eles acessam e por consequência o nível



salarial. Assim, a barreira linguística não apenas restringe a entrada no mercado, mas também cristaliza posições de subemprego e desigualdade.

Com relação a importância da língua como possibilidade de inserção ao mercado de trabalho, Katya, uma das participantes das rodas de conversa, afirma:

É importante você entender o português? Sim.

Então você consegue conversar com as pessoas, né?

Se você quiser um emprego, você consegue um emprego.

Essa é a importância. Por isso

A partir desta fala é possível compreender a importância do estudo realizado. Os resultados obtidos reforçam a necessidade de políticas intersetoriais garantindo aos migrantes as ferramentas de capacitação suficientes para adentrarem o mercado de trabalho brasileiro, não os submetendo a condições subalternas de trabalho. Combinando ensino de língua portuguesa, capacitação profissional dos migrantes e serviços de acolhimento infantil, preparando-os para o meio laboral. Dessa forma, o pertencimento dessas mulheres é conquistado pela aprendizagem da língua portuguesa, possibilidade de narrar suas histórias e acesso a espaços de expressão e acolhimento. Reconhecer e potencializar essas dimensões é passo fundamental para que mulheres migrantes e refugiadas possam não apenas viver, mas viver com dignidade no país de acolhimento.

3. O PERTENCIMENTO E AS ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA NO TRAJETO MIGRATÓRIO FEMININO

O pertencimento das mulheres migrantes e refugiadas deve ser compreendido como um processo dinâmico, histórico e socialmente construído, que se desenvolve a partir das interações cotidianas e das possibilidades concretas de participação na vida coletiva. No contexto das migrações contemporâneas, especialmente no âmbito da migração sul-sul, esse processo ocorre em cenários marcados por desigualdades estruturais de gênero, classe e nacionalidade, que limitam o acesso a direitos, ao trabalho formal e aos serviços básicos, produzindo experiências de exclusão social e vulnerabilidade (Sassen, 2002; Sassen, 2003). Ainda assim, tais condições não eliminam a capacidade de ação das mulheres migrantes, que constroem estratégias de resistência capazes de tensionar e ressignificar essas estruturas.

A partir da perspectiva histórico-cultural, compreende-se que o sujeito se constitui nas e pelas relações sociais, sendo a linguagem um dos principais mediadores desse processo. Para Vygotsky, a linguagem organiza o pensamento, possibilita a expressão das emoções e permite a internalização das experiências sociais, constituindo-se como elemento estruturante da consciência humana (Vygotsky, 1987; Vygotsky, 2001). No contexto migratório, a língua do país de acolhimento assume papel central, pois seu domínio — ou a ausência dele — interfere diretamente na capacidade de estabelecer vínculos, acessar direitos e ocupar espaços sociais,



impactando profundamente o sentimento de pertencimento (Grinberg & Grinberg, 1984).

Entretanto, reduzir a linguagem a um mero instrumento técnico de comunicação implica desconsiderar sua dimensão social, política e simbólica. As narrativas produzidas nas rodas de conversa evidenciam que as mulheres migrantes desenvolvem formas próprias de aprendizagem da língua portuguesa, frequentemente baseadas na observação, na repetição, no apoio de outras migrantes e na experiência cotidiana. Esse processo de aprendizagem autônoma transforma a linguagem em uma estratégia de resistência, na medida em que amplia a autonomia das mulheres, fortalece sua autoestima e possibilita maior circulação social (Vygotsky, 1934/2001). Assim, a linguagem deixa de ser apenas uma barreira e passa a operar como ferramenta de agência frente às exclusões impostas pelo contexto social.

Sob a ótica do materialismo histórico, essa apropriação da linguagem pode ser compreendida como parte da constituição do sujeito enquanto ser histórico e social. Conforme aponta Lukács (1923), a consciência humana se forma na relação dialética entre indivíduo e totalidade social, sendo a prática social elemento central desse processo. Ao utilizar a linguagem para narrar suas histórias, expressar demandas e estabelecer relações, as mulheres migrantes afirmam sua presença na realidade social e produzem formas de resistência que ultrapassam o âmbito individual, adquirindo dimensão coletiva.

Além da linguagem verbal, outras formas de expressão desempenham papel fundamental na construção do pertencimento e das estratégias de resistência. As atividades artísticas realizadas nas rodas de conversa — como pintura, escrita e dobraduras — constituíram espaços privilegiados de expressão simbólica, permitindo que experiências marcadas por perdas, separações familiares, violências e deslocamentos forçados fossem elaboradas de maneira sensível e compartilhada. A arte, enquanto linguagem simbólica, atua como mediadora emocional e cultural, favorecendo a construção de sentidos coletivos e o fortalecimento dos vínculos entre as participantes (Radaelli, 2011; Vygotsky, 1987).

Do ponto de vista emocional, a expressão simbólica contribui para a organização das experiências subjetivas, auxiliando na elaboração de sentimentos como medo, angústia e saudade, recorrentes nos trajetos migratórios. Conforme Damásio (1994), a externalização das emoções por meio de diferentes formas de linguagem permite a regulação emocional e a integração entre aspectos cognitivos e afetivos da experiência humana. Nesse sentido, a arte se configura como uma estratégia de resistência que possibilita às mulheres lidar com o sofrimento social decorrente da migração, sem depender exclusivamente da linguagem verbal.

Os espaços coletivos das rodas de conversa também se configuram como estratégias de resistência, ao criarem condições para a escuta sensível, o reconhecimento mútuo e a validação das experiências migratórias. Esses espaços favorecem a formação de redes de apoio entre mulheres que compartilham trajetórias semelhantes, possibilitando a troca de saberes práticos, informações sobre direitos e estratégias de sobrevivência no cotidiano do país de acolhimento (Sassen, 2003). A constituição dessas redes reforça a compreensão de que o pertencimento é produzido socialmente, por meio de práticas coletivas de cuidado e



solidariedade.

A formação dessas redes de apoio é especialmente significativa no contexto da migração feminina, marcado pela sobreposição de vulnerabilidades relacionadas ao gênero, à maternidade e à precarização do trabalho. Conforme aponta Braidotti (2006), a migração feminina implica processos contínuos de reinvenção identitária, nos quais as mulheres negociam suas referências culturais e afetivas em um movimento constante entre o pertencimento ao local de origem e a adaptação ao novo contexto social. Nesse processo, as estratégias de resistência não apenas possibilitam a sobrevivência material, mas também sustentam a reconstrução subjetiva e a afirmação da identidade.

O pertencimento, portanto, não se limita à integração formal ou legal, mas é construído cotidianamente por meio das interações sociais, da linguagem, da expressão simbólica e das práticas coletivas de resistência. Ao narrar suas histórias, compartilhar experiências e construir vínculos, as mulheres migrantes produzem sentidos de pertencimento que desafiam as lógicas excludentes do contexto migratório contemporâneo (Grinberg & Grinberg, 1984; Sassen, 2003).

Dessa forma, linguagem, pertencimento e estratégias de resistência articulam-se de maneira indissociável na experiência migratória feminina. Ao apropriar-se da linguagem — verbal ou simbólica — como ferramenta de mediação social e emocional, e ao construir redes de apoio e espaços coletivos de escuta, as mulheres migrantes transformam contextos de exclusão em espaços de produção de sentido, agência e protagonismo. Esse movimento evidencia que, mesmo diante de barreiras estruturais, as mulheres não apenas resistem, mas produzem novas formas de existir, pertencer e se afirmar como sujeitas históricas nos processos migratórios contemporâneos (Braidotti, 2006; Sassen, 2003; Vygotsky, 2001).

4. CONCLUSÕES FINAIS

A pesquisa evidenciou que a experiência migratória das mulheres é marcada pela intersecção de fatores linguísticos, econômicos, culturais e emocionais, os quais impactam diretamente suas possibilidades de inserção social e laboral no Brasil (Sassen, 2002). No entanto, os dados analisados demonstram que essas mulheres não ocupam uma posição passiva frente às adversidades impostas pelo processo migratório. Ao contrário, constroem, ao longo de seus trajetos, estratégias de resistência que possibilitam a sobrevivência material, a reconstrução identitária e a produção de pertencimento no país de acolhimento (Braidotti, 2006).

As rodas de conversa revelaram que tais estratégias se expressam por meio da formação de redes de apoio, da solidariedade comunitária, da aprendizagem autônoma, do uso da linguagem e da arte como instrumentos de mediação social e emocional. Essas práticas cotidianas configuram formas de resistência que permitem às mulheres enfrentar a exclusão, acessar direitos e reafirmar sua condição de sujeitas históricas, mesmo em contextos



marcados por desigualdades estruturais e violações de direitos (Lukács, 1923; Sassen, 2003).

A linguagem, embora permaneça um elemento central no processo de inserção social, é compreendida neste estudo como parte de um conjunto mais amplo de estratégias de resistência. Conforme a perspectiva histórico-cultural, a linguagem atua como mediadora das relações sociais e da organização da experiência subjetiva, possibilitando a construção de sentidos, vínculos e ações coletivas (Vygotsky, 1987; Vygotsky, 2001). Ainda assim, a pesquisa demonstrou que, mesmo diante das barreiras linguísticas, as mulheres desenvolvem formas alternativas de comunicação e expressão, como a arte, que permitem a partilha de experiências e o fortalecimento do pertencimento (Radaelli, 2011).

Diante disso, torna-se fundamental que as políticas públicas voltadas à população migrante reconheçam não apenas as vulnerabilidades enfrentadas por essas mulheres, mas também valorizem e fortaleçam suas estratégias de resistência. A articulação entre ensino de língua portuguesa como língua de acolhimento, espaços de expressão simbólica, apoio psicossocial e políticas de cuidado é essencial para garantir dignidade, autonomia e inclusão social (Sassen, 2003; Grinberg & Grinberg, 1984).

Conclui-se, portanto, que a integração das mulheres migrantes e refugiadas na sociedade brasileira requer mais do que a simples abertura de fronteiras. É imprescindível a criação de condições concretas para que possam se expressar, trabalhar e viver plenamente, com acesso equitativo a direitos e oportunidades. Reconhecer suas vozes — seja pela palavra, pela arte ou por outras formas de expressão — constitui um passo essencial para a construção de uma sociedade que reconheça a diversidade e a inclusão como princípios estruturantes (Vygotsky, 1934/2001; Braidotti, 2006).

5. REFERÊNCIAS

- BRAIDOTTI, Rosi. *Transposições: sobre a transitoriedade*. São Paulo: UNESP, 2006.
- DAMÁSIO, Antonio R. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- GOFFMAN, Erving. *A apresentação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Mário A. Perini. São Paulo: Vozes, 1979.
- GRINBERG, León; GRINBERG, Rebeca. *Psicanálise da migração e do exílio*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1984.
- LUKÁCS, György. *História e consciência de classe*. Tradução de Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 1923.
- RADAELLI, Maria Elisa. Contribuições de Vygotsky e Bakhtin para a linguagem: interação no processo de alfabetização. *Revista Signos*, v. 32, n. 2, p. 55–69, 2011.
- SASSEN, Saskia. *Uma sociologia da globalização*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- SASSEN, Saskia. *Contrageografias da globalização: gênero e cidadania nos circuitos transfronteiriços*. São Paulo: Studio Nobel, 2003.



VIGOTSKI, Lev Semenovich. *As funções psíquicas superiores e sua formação*. In: VIGOTSKI, Lev Semenovich. *Obras escolhidas: problemas do desenvolvimento da psique*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. *Pensamento e linguagem*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1934/2001.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. *A construção do pensamento e da linguagem*. Tradução de Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WHORF, Benjamin Lee. *Language, thought, and reality: selected writings of Benjamin Lee Whorf*. Cambridge: MIT Press, 1956.

